

AGROECOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

FELIPE ZARNOTT¹; GERMANO EHLERT POLLNOW²; NÁDIA VELLEDA CALDAS³

¹ Universidade Federal de Pelotas – zarnott-pel@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – germano.ep@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – velleda.nadia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nas três últimas décadas a temática da agricultura familiar e da agroecologia ganham destaque. No Brasil essa tendência é resultado de um conjunto de políticas públicas que direta ou indiretamente, convergem nessa direção. Esse é o caso, por exemplo, do PRONAF Agroecologia¹.

O Plano Nacional de Agroecologia (BRASIL, 2013), instituído pelo Governo Federal, busca articular e implementar programas e ações indutoras da transição agroecológica, como contribuição para o desenvolvimento sustentável. O Plano visa criar condições para que a população melhore a sua qualidade de vida, por exemplo, através da oferta e do consumo de alimentos saudáveis e do uso sustentável dos recursos naturais (BRASIL, 2013).

A Agroecologia indica a conciliação de fatores multidimensionais para implementação de estratégias mais sustentáveis de desenvolvimento rural. Caporal e Costabeber (2004) alertam que, com a visão de produção “limpa” em alta, o agronegócio articula-se pela busca de espaços no mercado de produtos orgânicos e, entretanto, mesmo rompendo com as técnicas agrícolas convencionais da revolução verde, o agronegócio tende à produção em larga escala.

[...] na realidade, uma agricultura que trata apenas de substituir insumos químicos convencionais por insumos “alternativos”, “ecológicos” ou “orgânicos” não necessariamente será uma agricultura ecológica em sentido mais amplo (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 10)

Segundo Costa Neto (1999), a Agroecologia é uma concepção de ciência produzida a partir de diversos campos de conhecimento estabelecidos em torno da noção de ecologia, o que vai além de apenas uma produção “limpa”. Para Caporal e Costabeber (2004), o processo de transição deve ser entendido como gradual e multilinear. Segundo estes autores, a partir do paradigma da agroecologia a sustentabilidade “deve ser vista, estudada e proposta como sendo uma busca permanente de novos pontos de equilíbrio entre diferentes dimensões que podem ser conflitivas entre si em realidades concretas” (CAPORAL e COSTABEBER, 2004 p. 111). Segundo eles, o êxito depende da conciliação das seis dimensões explicitadas no quadro 1.

O objetivo desta pesquisa é, a partir do entendimento destas multidimensões, refletir se a Agroecologia pode ser instrumento gerador de desenvolvimento rural sustentável.

¹ Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

Quadro 1: Multidimensões da Sustentabilidade

Dimensão ecológica	Preservação do ambiente, melhoria das condições do solo, manutenção e/ou melhoria da biodiversidade, das reservas e mananciais hídricos; reutilização de materiais e de energia.
Dimensão econômica	Aumento da produção e das produtividades ao longo do tempo sem prejuízo ao meio ambiente, balanços agroenergéticos positivos (entradas e saídas), importância da produção de subsistência (autoconsumo), soberania e segurança alimentar, estratégias de abastecimento de mercados locais e regionais.
Dimensão social	Equidade social (menor desigualdade na distribuição dos ativos), busca por melhores níveis de qualidade de vida, relações sociais solidárias e cooperativas.
Dimensão cultural	Respeito à cultura local, compreensão dos saberes, dos conhecimentos e valores das populações rurais; reconhecimentos das etnias e a interrelação entre estes grupos sociais.
Dimensão política	Sustentabilidade através de processos participativos e democráticos, representatividade dos diversos segmentos, comunidades rurais como protagonistas e decisórias dos rumos dos processos sociais.
Dimensão ética	Solidariedade intra e intergeracional, novas posturas e relações entre os indivíduos e estes com o ambiente.

Fonte: Elaboração pelos autores a partir Caporal e Costabeber (2004)

2. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa realizada junto à Cooperativa Sul Ecológica com sede em Pelotas. Dentre os 200 associados², um membro da diretoria da cooperativa, uma cooperada agricultora familiar e técnica agrícola e um casal de agricultores familiares foram entrevistados.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro de perguntas abertas propondo que os cooperados argumentassem sobre a produção ecológica, o significado de produzir tal produto, apontando a relação da produção com as dimensões da sustentabilidade. Os dados foram tratados por análise de conteúdo de acordo com a técnica de categorização temática (BARDIN, 2002), prezando pelo sigilo dos entrevistados por meio de pseudônimos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando questionados quanto à sua identificação com a atividade, seu prazer por ser agricultor e sua preferência ao modelo de produção (convencional ou agroecológico), os agricultores enaltecem sua preocupação com um alimento saudável tanto para quem produz quanto para quem consome. Observou-se, também, seu apreço por ambientes menos contaminados pelo uso de agrotóxicos, mostrando uma preocupação socioambiental.

Então tu está na cooperativa porque realmente tu tem um ideal, tu quer produzir esse alimento porque tu sabe que ele é diferente, tu sabe da tua qualidade de vida que tu tem através da produção orgânica.(Maria)

² Todos os membros da cooperativa estão cadastrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) como produtores orgânicos

Os aspectos motivacionais estão relacionados a diferentes dimensões da sustentabilidade consideradas neste trabalho. Nos relatos a seguir, as questões econômicas direcionam a base para que se possa progredir com o ideal de criar e/ou manter a sustentabilidade no meio rural, pois as famílias agricultoras dependem intrinsecamente desse retorno. Quanto à produção na prática, observou-se que os três entrevistados mencionam a preocupação em produzir um alimento livre de agroquímicos não apenas para sua família, mas também para o consumidor final.

Nossa motivação entre outras coisas foi também uma questão ideológica, eu sei muito bem o que é usado dentro de uma lavoura convencional, eu sei perfeitamente que essa coisa de dizer que não afeta, lava com vinagre não sei o quê, que sai... pode usar não tem problema... isso é balela, isso é lorota, a gente sabe que nem a condição, nem a estrutura daquele fruto não são o mesmo. (Ana)

Então tu estás na cooperativa porque realmente tu tens um ideal, tu quer produzir esse alimento porque tu sabe que ele é diferente, tu sabe da qualidade de vida que tu tem através da produção orgânica. (Maria)

No que tange à oferta de alimentos saudáveis para além do âmbito familiar, os entrevistados concordaram que faz sentido para eles produzirem um alimento de qualidade para toda a sociedade, refletindo a motivação que transcende a dimensão ambiental ocupando também a esfera social.

Concernente à dimensão política, os entrevistados apresentam engajamento com pouca expressividade na tomada de decisões e de planejamento em diferentes âmbitos junto à Cooperativa. Esse cenário tende a inibir, efetivamente, o desenvolvimento de ações em outras dimensões em prol da plenitude da sustentabilidade. A fim de reverter esse panorama, a Cooperativa Sul Ecológica tem oferecido formações aos seus cooperados na área de produção e de cooperativismo. Um dos cooperados demonstra, na citação abaixo, o quanto importantes são os cursos.

Houve (formação), e está pra ocorrer novamente, curso de formação, aí é uma coisa que nos aperta bastante... Os novos, novos sócios para aderir a cooperativa, eles devem fazer esse curso, isso é uma coisa que eu penso, curso de formação em cooperativismo, por que se não ele... como ele vem de um processo individual e puramente capitalista ele acha que as decisões não são dele, enquanto as decisões também pertencem a ele. (Pedro)

Observou-se que discussões a respeito da Agroecologia acabam gerando reflexões sobre a dimensão social, política e ambiental da cooperativa, contribuindo para uma prática mais rica no que se refere à participação.

Os dados apontam que os entrevistados carecem de inteligência técnica, fundamental para a execução e construção organizativa e produtiva da Cooperativa. De uma forma geral, os cooperados investem pouco tempo em reflexões e construção de acordos em torno de procedimentos e normas sociais necessárias à coesão grupal, o que reforça o papel de atores externos na manutenção do projeto coletivista e ecológico.

O que me preocupa é que tem gente que não vai frequentemente ou não questiona o grupo até por um problema cultural né, eu vejo muita timidez na colônia de não querer questionar por que vão fazer feio né, e aí ficam sem aquela informação, não conseguem sanar aquela dúvida, na colônia tanto pela timidez como por esses períodos que não houve auxílio nenhum da organização em cursos. (Pedro)

Com isso, atores externos, como é o caso da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e do Centro de Apoio à Promoção da Agroecologia (CAPA), acabam tendo mais poder de decisão na organização do que alguns dos próprios cooperados.

4. CONCLUSÕES

Foi possível constatar que a dimensão econômica relacionada ao retorno financeiro e a comercialização, ambos proporcionados pela cooperativa, mostrou-se como eixo fundamental para os cooperados. Por outro lado, as preocupações socioambientais foram destacadas uma vez que os cooperados relataram o prazer e o sentido do trabalho vinculados ao fornecimento de alimentos diferenciados à sociedade a partir da produção agroecológica e à conservação do ambiente.

Na esfera ambiental, destacou-se a preocupação em cuidar do solo, das fontes de água, da mata nativa por meio da utilização de insumos naturais capazes de produzir alimentos com qualidade superior em relação aos convencionais. Acerca da preocupação individual perante a sociedade, os entrevistados demonstraram o desejo de se sentirem reconhecidos como sujeitos promotores do bem-estar comum através do fornecimento de alimentos que são pré-requisitos à segurança e à soberania alimentar.

A Agroecologia sobrepõe-se a ser meramente ligada ao mercado de produtos alimentares, na medida em que promove a superação das injustiças sociais. Assim, tende a gerar a equidade dos trabalhadores rurais com outros setores da economia, proporcionando alimento seguro para agricultores e consumidores. Por conseguinte, oportuniza-se favorecer a saúde humana e ambiental do território onde está inserida, demonstrando uma solidariedade intra e intergeracional, com novas posturas e relações entre os indivíduos e destes com a natureza.

É possível que haja cooperados que busquem exclusivamente o retorno financeiro, usando a cooperativa como ponte entre a propriedade familiar e o consumidor final, ou seja, tratando a cooperativa apenas como meio para conquista de um novo e promissor nicho de mercado, o da produção orgânica. Há necessidade de uma investigação mais ampla sobre o universo dos cooperados e sua percepção sobre as multidimensões da sustentabilidade exploradas.

Cabe ressaltar que esta é uma pesquisa inicial para entendimento da Agroecologia como instrumento promotor do desenvolvimento rural sustentável, tornando-se necessário aprofundar a discussão relacionada entre os princípios de sustentabilidade e a prática advinda dos agricultores agroecologistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasil agroecológico – **Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica**. Brasília: 2013.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antonio. **AGROECOLOGIA E EXTENSÃO RURAL**: Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre/RS, 2004.
- COSTA NETO, Canrobert. **Ciência e saberes: tecnologias convencionais e Agroecologia**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 1999.